

A Vocação Sobrenatural do Condestável

Justino Mendes de Almeida

Para a maioria dos Portugueses, que é o povo esclarecido, Nuno Álvares Pereira foi, é e permanecerá sempre, enquanto houver Portugal, como símbolo do Herói-Santo por excelência. Porque a voz do povo bom repercute a voz de Deus, daqui advirá a força da razão popular: como herói, é sobretudo o triunfador em Aljubarrota, nesse momento alto e decisivo da História de Portugal, quando a presença onnipotente e tutelar do Condestável, mais que a do Rei, a obediência à sua voz, que era antes um sopro divino, e o exemplo do seu braço esforçado asseguraram a continuidade da Pátria como nação independente — é então que verdadeiramente se inicia a nossa participação nos destinos do mundo e da civilização, pois Aljubarrota é, por assim dizer, o prenúncio próspero dessa época gloriosa, de esforço, de sacrifício, de mundivivência, com suas grandezas e misérias, como é próprio de toda a obra humana, mas que ficou inscrita no bronze eterno da História da Humanidade: a gesta dos Descobrimentos; e, ao ingressar em Santa Maria do Carmo, em estado de pobre, apartando-se do mundo para servir Deus, é já o Santo, divinizado em vida — vida de acções nobilitantes, degrau e via para a imortalidade —, na qual alcançou glória e honra, só excedidas por certo pelas que obteve no outro Reino, depois de servir Deus por espaço de oito anos e onze meses. Mas, se bem acompanharmos a sua vida, veremos que toda ela decorre em torno do mensageiro de Deus, ao serviço da Pátria.

HERÓI E SANTO: tudo parece conter-se e exprimir-se nestas duas palavras, tão pequenas, mas simultaneamente tão vastas e ricas de conteúdo — diríamos mesmo, das mais ricas do vocabulário português, como meta última do comportamento terreno (e o *herói* não é apenas no sentido bélico) e expressão máxima do ideal sobre-humano. Mas não são tudo, ainda que corolário de uma vida destinada ao serviço mais alto, da Pátria e de Deus.

Nuno Álvares Pereira, herói e santo, todos o proclamamos; não se esqueça, porém, que foi ele o homem predestinado, o varão mandado por Deus no momento exacto para salvar a Terra de Santa Maria, e a sua intervenção humana revela em tudo uma vocação sobrenatural. Outros exemplos haverá, ao longo da nossa história multissecular, mas nenhum exactamente como o do Condestável. E é esta singularidade que mais nos deslumbra e nos enche de esperança, de que ainda estará ao nosso lado, quando chegar enfim a hora de se cumprir este Portugal de hoje.

Ouçamos, na ingénua prosa portuguesa dos começos de Quatrocentos, parte do relato que o autor

anónimo da *Crónica do Condestabre de Portugal* faz da vida de Nuno Álvares, como donato carmelita, na verdade impressionante, depois que se acolheu a Santa Maria do Carmo, aos 62 anos de idade:

«Sendo o Condestável em idade de LXXII anos, e sentindo já que a fraqueza se assenhoriava dele, e em como, a Deus graças, El-Rei tinha sua terra em bom sossego, e que seus filhos eram em tais idades para tudo bem fazer e reger por serviço de Deus e de seu padre, apartou-se a servir a Deus em estado de pobre, em Santa Maria do Carmo, da Cidade de Lisboa, que ele mandara fazer. Estando já por tempo no mosteiro em serviço de Deus, a El-Rei veio recado que (o) rei de Tunes se vinha sobre Ceuta com grande frota e muitas gentes por terra, pela qual razão El-Rei mandou armar grande frota, para lhe ir por o corpo. E o infante seu filho e seus irmãos, e o Condestável, sabendo isto por o infante Duarte, que lhe isto mandara dizer, que ia lá El-Rei e ele e seus irmãos, por serviço de Deus, e por ir contra os infiéis, lembrando-lhe o grande amor que sempre houvera a El-Rei e ao infante, de os servir, não lhe esqueceu a boa-vontade e verdadeira que lhes havia. E não embargando a vida em que era, porque já disto era acusado, e foi disposto para ir com eles. E com sua samarra foi ver a nau em que havia de ir, e mandou-a corrigir à sua vontade, e foi para ele pronta do que lhe cumpria, e de armas que lhe o infante mandou dar, porque ele não as tinha tempo havia. E em esta obra não se fez mais, porque (o) rei de Tunes não veio.»

«O Condestável foi mui casto de vontade, e ainda de facto... tudo havia por bem e grande prazer por servir a Deus; e ouvia suas missas mui devotamente, sendo cada um dia duas missas, e três em todos os sábados, e três em todos os domingos, de que em Portugal ficou bom exemplo, especialmente aos do Paço, que, ainda que o ele assim usasse, poucos as ouviam; e era confessado muito amiúde e comungando quatro vezes no ano: por Natal e por Páscoa e por Pentecostes e por Santa Maria de Agosto. Fez certas igrejas à sua própria despesa, sendo a igreja de Santa Maria e de S. Jorge, que ele fez onde foi a batalha real, naquele lugar onde a sua bandeira esteve. E o mosteiro de Santa Maria do Carmo de Lisboa... e fez mais a igreja de Santa Maria de Vila Viçosa, e a igreja de Santa Maria de Monsaraz, e a igreja de Santa Maria de Portel, e a igreja de Santa Maria de Sousel, e acabou a igreja de Santa (Maria) das Mártires de Estremoz... e fez a capela do mosteiro de Santo Agostinho de Vila Viçosa, e outras muitas obras meritórias... E jejuava três dias na semana, sempre enquanto foi em idade que podia suportar... e todas as festas e dias que a Igreja manda guardar, como fiel católico. Era mui caritativo a todos, especialmente aos pobres.»

Por tudo isto, que é um exemplo de doação total, por Deus e pelos homens, Alguém, que foi grande na ensaística e no amor a Portugal, propôs um dia, com toda a oportunidade, se redigisse uma *Imitação de S. Frei Nuno*, que nos servisse a todos nós de breviário quotidiano para a nossa dupla fé católica e lusitanista. Como esta obra poderia suprir esse *Idearium Português* que tanta falta nos faz!

Muitos têm falado e escrito, e bem, sobre a vocação religiosa de Nuno Álvares: está certo, mas não é tudo; fale-se antes, para se ser mais exacto, também de predestinação, de vocação sobrenatural, do varão «dado ao mundo por Deus», para nos servirmos de um verso de *Os Lusíadas*.

Vocação Sobrenatural do Condestável!

Seja este para os Portugueses, todos, um tema mais do que reflexão, de oração!